

**Jesus Alexandre Tavares Monteiro**  
Docente Mestrado Profissional, Planejamento e  
Ensino - Unincor  
[jesus.monteiro@unincor.edu.br](mailto:jesus.monteiro@unincor.edu.br)

**Danielle Teixeira Tavares Monteiro**  
Artista e pesquisadora PUC-MG  
[dani.ttm@gmail.com](mailto:dani.ttm@gmail.com)

## O CONCEITO DE PEREJIVÂNIE NA PRÁTICA EDUCACIONAL: UM ENCONTRO COM EDUCADORES SOCIAIS MUSICISTAS

### RESUMO

Nesta pesquisa, o conceito de Perejivânie, do teórico russo Vygotsky, é explicitado na prática de educadores sociais musicistas. Há ainda a apresentação de resultados obtidos a partir de pesquisa teórica e prática realizada sobre o fazer destes profissionais em espaços de vulnerabilidade social. Para tanto, utilizamos de entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro educadores sociais musicistas, no formato de histórias de vidas – tais educadores atuam nas áreas de saúde, assistência social, educação e defesa social. Realizada no período de um ano e dois meses, a pesquisa em comento foi sistematizada por transcrições de áudios de 15 entrevistas, totalizando 120 páginas de histórias. O conceito de Perejivânie é unidade da condição humana e expõe a historicidade plena de afetos em sua relação com os acontecimentos do mundo. É uma vivência única, que pode ser compartilhada no processo educativo. O educador social musicista, por sua vez, no contexto estudado, é a ponte que liga a música e o educando ao ensino e a sua relação com o mundo. O conceito de Perejivânie é um fazer sutil e ritmado com os balanços do mundo e dos afetos.

**Palavras-chave:** Perejivânie. Educação Social. Música. História de vida. Vulnerabilidade.

## THE CONCEPT OF PEREJIVÂNIE IN EDUCATIONAL PRACTICE: A MEETING WITH MUSICIAN SOCIAL EDUCATORS

### ABSTRACT

In this research, the concept of Perejivânie, by the Russian theorist Vygotsky, is made explicit in the practice of musician social educators. There is also the presentation of results obtained from theoretical and practical research carried out on the performance of these professionals in spaces of social vulnerability. For this, we use semi-structured interviews, carried out with four musician social educators, in the format of life stories - such educators work in the areas of health, social assistance, education and social defense. Conducted over a period of one year and two months, the research under review was systematized by audio transcripts of 15 interviews, totaling 120 pages of stories. The concept of Perejivânie is unity of the human condition and exposes the historicity full of affections in its relation to the events of the world. It is a unique experience, which can be shared in the educational process. The musician social educator, in turn, in the studied context, is the bridge that connects music and the student to teaching and its relationship with the world. The concept of Perejivânie is a subtle and

rhythmic action with the balance of the world and affections.

**Keywords:** Perejivânie. Social Education. Music. Life's History. Vulnerability.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se ao educar enquanto promoção, reflexão e vivência: trata-se de um estudo sobre a presença do conceito de Perejivânie no fazer do educador social musicista que trabalha com projetos desenvolvidos por políticas públicas destinadas ao atendimento de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

O educador social musicista, além de ser executor de um ensino não formal, é também o profissional responsável por criar um processo educativo baseado na mediação da arte inquietante, autônoma e reflexiva. O seu fazer tem como base a produção de conhecimentos que transcendem espaços tradicionais – representados pelos limites dos muros escolares – em busca da construção de um conhecimento reflexivo e existente nos territórios presentificados da exclusão. Nesta pesquisa, políticas públicas de saúde mental, educação, defesa social e assistência social são as referências de sítios nos quais histórias sobre educação e música informal são constituídas enquanto campo de pesquisa e *práxis*. Para Gohn (2010, p. 36), "a música tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal, e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não formal".

Como metodologia para o desenvolvimento do presente trabalho,

utilizamos a pesquisa participante associada a entrevistas semiestruturadas no formato biográfico – buscamos desenvolver e apresentar aqui pesquisa qualitativa que descreve relatos sobre o fazer profissional e o direciona à construção do saber para uma ação de troca entre pesquisador e entrevistado. Realizada com 4 (quatro) profissionais em um período de um 1 (ano) e 2 (dois) meses, referida pesquisa teve como objetivo principal explicitar o conceito de Perejivânie (vivência) no processo educativo construído pelos educadores supracitados. Consequentemente, buscamos ainda elucidar a função de educação social como um trabalho primaz para a superação da condição de vulnerabilidade de jovens e adolescentes.

A justificativa desta pesquisa instaura-se no desconhecimento técnico, teórico e metodológico das intervenções produzidas pelos educadores aqui mencionados no campo psicossocial. Busca-se assim, ainda que de maneira breve, contribuir para a pauperizada produção bibliográfica sobre o tema em comento, como cita Gohn (2010) ao descrever sobre a necessidade de pesquisas na área da educação não formal:

trata-se de uma área carente de pesquisa científica. Com raras exceções, o que predomina é o levantamento sistemático de dados para subsidiar projetos e relatórios, feitos usualmente por ONGs, visando ter acesso aos fundos públicos que as políticas de parceria governo-sociedade civil propiciam (GOHN, 2010, p. 48).

Gohn (2010, p. 45) complementa essa discussão ao se referir às lacunas sobre o profissional que aqui será estudado descrevendo o quanto necessária é a “sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano”.

O presente artigo será iniciado por um primeiro tópico introdutório, e, em seguida, desenvolveremos breve arcabouço teórico sobre o Educador Social, sobre a música e sobre o conceito de *Perejivânie*. A discussão seguinte será sobre o campo de pesquisa experienciado e suas correlações conceituais. Por fim, conclusão será apresentada.

## **2 – EDUCADOR SOCIAL E CONCEITO DE PERJEVÂNIE**

A educação social é uma profissão constituída em uma trajetória de certificação em vários sítios e contextos de aprendizado pelo mundo, produzindo e referendando ampla articulação com a educação formal, como descreve Souza (2014, p. 79):

muitos países já convivem com o profissional de educação social, tanto os considerados desenvolvidos como o Canadá, por exemplo, ou outros, tão variados como Islândia, Vietnam, Grécia, Uruguai e muitos mais. A profissão de educador social é tão comum pelo mundo que já existem várias redes organizadas nesse sentido como a edusonet, página da educação social na Espanha, o Colégio de Educadores Sociais da Catalunya (CEECE), a Rede Dynamo Internacional de Educadores Sociais que agrega cinquenta países de todos os continentes (SOUZA, 2014, p. 79).

Entretanto, no Brasil, a sua origem fora dos muros escolares, assentada na educação

popular, produziu um não reconhecimento profissional, que pode ser encontrado na sua inconstância representativa feita pelas suas denominações díspares: oficinairos, professores comunitários, monitores, integralizadores, arte educadores e outros. A luta dos educadores sociais por legalização<sup>1</sup>, deve-se ressaltar, é outra marca dessa desqualificação histórica, segundo Souza *et al.* (2014).

Freire (1982) afirma que não devemos dicotomizar ou fragmentar a educação, já que, segundo ele, a educação informal está presente em todos os ambientes, inclusive naqueles delimitados pelo campo escolar. O mesmo autor ainda pontua a educação social como uma função planejada, participativa e intuitiva em sua plenitude: estamos falando de uma função promotora de autonomia e participação, mas consciente de suas propostas de intervenção, e da necessidade de se seguir estratégia de diagnóstico, leitura preliminar, implementação do projeto e uma dose de afetos.

O educador social musicista atua no meio da imprevisibilidade, atua no meio da vulnerabilidade e faz do uso de si uma intervenção: o educador social musicista é um articulador da música como instrumento mediador do mundo e dos conflitos vividos pelos participantes em situação de vulnerabilidade.

---

<sup>1</sup> É em meados de 2009 que as lutas dos educadores sociais por reconhecimento são iniciadas. Tal início pode ser ilustrado com a criação do Projeto de Lei n. 5346/2009 de autoria do Deputado Chico Lopes. Atualmente, tal desejo segue vivo com a movimentação, no Senado Federal, do Projeto de Lei n. 328/2015, proposta do Senador Temário Mota. Ressalta-se que a profissão Educador Social está presente no CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) de 2018.

Este posicionamento torna a sua intervenção uma máxima de Freire (2002), em acordo com os ritmos e sons do ato de viver: “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2002, p.78).

A vulnerabilidade, condição do público atendido, é uma ausência de potência que inviabiliza condições de desenvolvimento ou de reconhecimento de si e do mundo. A condição de vulnerabilidade inabilita uma perspectiva de futuro aos grupos afetados. Ela é uma baixa capacidade material e imaterial que proporciona aos sujeitos em situação de vulnerabilidade a não transformação do seu ser. É um campo de violências físicas e psicológicas das relações de exploração e das formas subalternas relacionais, que começam a ser combatidas por uma condição ativa de vivência, a *Perejivânie*.

Um aluno, e não falando que os alunos de uma escola particular ou que os alunos de uma classe melhor não vão ter problemas. Não, claro que vão. E muitos também. A gente pensa que os problemas são só criminalidade, são só drogas, não. Mas questão de afetividade, de pessoas que tem depressão e tal, e que se sentem só. São todos problemas que vão pra sala de aula, mas a gente tem dentro das comunidades problemas que são diários e que são visíveis demais assim. Muito visíveis. (Edu<sup>2</sup> B, comunicação pessoal, 18 de outubro de 2019).

O educador social musicista percebe o contexto e a relação direta entre o educando e suas afetações sociais. Delari Jr. e Bobrova Passos (2009) e Toassa (2010) relatam que o

termo *Perejivânie* é traduzido do Russo com um significado similar ao da palavra *vivenciar* - uma conceituação que remete aos afetos e às memórias constituídas nas ocorrências da vida. Um conceito que se diferencia da experiência, deve-se dizer, pois carrega carga de expressão que coloca o sujeito em uma condição ativa. Segundo Vygotsky (1999), tal conceito pode ser visto e pensado como uma unidade que manifesta a relação direta do afeto com o intelecto, como uma marca que promove uma junção dessas estruturas, como

uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VYGOTSKY, 1999, p. 686).

Roberti (2019) pontua que pesquisas acadêmicas sobre o conceito de ‘vivência’ “contribuem para que os estudiosos da educação interpretem toda ação humana como portadora de uma certa atividade criativa” (ROBERTI, 2019, p. 16). A vivência é a história de uma vida, do gênero, da pessoa, dos encontros da consciência com um mundo social externo e interno; afinal, é a construção contínua de histórias e de memórias que recriam a vida. Criar com o educando,

---

<sup>2</sup> Os educadores serão identificados pela abreviação de educador (Edu) e complementados com letras relativas às iniciais de seus nomes, para diferenciar cada um dos entrevistados.

aprender a partir de suas próprias vivências, de ações imbuídas de qualidades emocionais, sensações e percepções, proporciona a imersão deste sujeito no ato de aprender e ensinar com o mundo.

### **3 O CAMPO DE PESQUISA E SUAS CORRELAÇÕES CONCEITUAIS**

Para o desenvolvimento deste artigo, e como já dito, utilizamos a pesquisa de campo e o método biográfico, que preconiza expor, por meio das narrativas dos entrevistados, correlação direta entre eles e os objetivos constituídos nas pesquisas, principalmente nas produções qualitativas.

Nossa pesquisa de campo contou com encontros presenciais e individuais com 4 (quatro) educadores em seus postos de trabalho, assim como em locais externos às organizações escolhidas por eles. O método biográfico de pesquisa foi utilizado quando, ao considerar as biografias dos educadores, buscamos compreender as vivências educacionais descritas em suas práticas.

Todas as 15 (quinze) entrevistas realizadas foram transcritas. Cada uma delas possui, além de relatos que apresentam a vida dos educadores com quem conversamos durante 1 (um) ano e 2 (dois) meses (início em 2018 e término no ano seguinte), em média, três horas de duração por entrevistado.

Os relatos dos educadores expõem alguns pontos em comum, os quais nos orientarão em reflexão a seguir realizada. O primeiro ponto em comum percebido refere-se ao contexto social/territorial das intervenções; o

segundo ponto em comum diz respeito ao funcionamento grupal; e o terceiro ponto em comum é a vivência. Dentre essas categorias explicitadas, escolhemos analisar Perejivânie (vivência) por considerarmos que esta, ao lado de afetos e sentidos, assume importância central na explicação da constituição histórica de processos de aprendizagem. De tal maneira, expressa-se, assim a relevância do educador social e sua capacidade de construir um campo vivencial nos processos de ensino e aprendizagem.

Eu lembro que quem me ensinou a dar aula de músico pra cego foi um cego. Eu tinha um aluno que perdeu a visão durante o processo de oficina, ele já tocava alguma coisa, perdeu a visão, ficou 1 ano sem ir na oficina se recuperando, e, quando voltou, voltou sem visão. E aí eu ia ensinar a ele música, eu ia entregar a ele o instrumento, coisa ridícula assim, de esticar a mão e não dizer pra ele que o instrumento tava na frente dele. Ele percebeu um certo silêncio e falou assim “você não tá segurando o instrumento na minha frente não, né?”. “Tô”. “Ah, então você me avisa porque senão eu não consigo pegar não”. E aí eu entendi que dava pra explicar a técnica. Que não necessariamente que tudo precisava ser elucidado, mostrado e tal. (Edu M. comunicação pessoal, 8 de março de 2019).

O educador social usa a sua vivência em suas práticas cotidianas, usa a habilidade de sua história, usa a arte de (si) reinventar nos espaços constituídos de ordens exercidas, cumpridas e alteradas, simultaneamente. O educador social usa o saber do outro para constituir o seu saber e deste produzir um novo. Segundo Barros, Teixeira e Aragão (2008, p. 29): “a imprevisibilidade deve ser gerida, não como uma execução, mas como um uso de si, o que

significa dizer que é necessário recorrer a habilidades, recursos e escolhas para gerir essa imprevisibilidade”. “*Eu comecei a dar aula não sabendo muita coisa de música, eu sabia tocar, mas não sabia como passar. Então tive que aprender isso fazendo*” (Edu B, comunicação pessoal, 5 de outubro de 2019.).

A afirmação da imprevisibilidade torna-se uma ação motriz para produzir novos saberes e vivências. Necessariamente, não precisa saber tocar, ou saber o método para lidar com uma situação inesperada, mas é preciso vivenciá-la, desenvolvê-la e aprender com ela.

O educador social musicista constrói o aprendizado com o educando a partir de suas vivências, e delas explicita as possíveis vivências dos educandos, que acolhem o imprevisto criador no lugar de expurgá-lo.

Eu descia do ônibus e descia o morro correndo, tropeçando nos cadernos que caíam e tal pra chegar antes que o portão fechasse, e a responsável por fechar o portão me viu descendo o morro e fechou a porta, sei lá, a 8 ou 9 passos de eu conseguir entrar. Ela fechou a porta, abriu a escotilha e falou comigo “agora você vai esperar a coordenadora pra você dizer pro diretor porque você chegou atrasado, porque você não vai poder entrar”. Eu falava com eles que naquele dia eu entendi porque aquela escola precisava me dar um abraço e me parabenizar por eu estar correndo pra entrar na escola ao invés de fechar a porta na minha cara. Fiquei muito revoltado com isso e parei de estudar. Mas eu pago um preço muito caro por isso até hoje (Edu M, comunicação pessoal, 12 de abril de 2019).

Os educadores conhecem a prática e as exclusões da sociedade, e os caminhos tortuosos da educação são caminhos muitas vezes trilhados por estes profissionais. Este ensino ‘informal’

nada mais é do que um ensino compreensivo com o mundo e com as diferenças. “Ele não tá tocando sozinho. Tá tocando com o grupo. Então a primeira coisa que é essencial pra eles é saber ouvir, saber dialogar com o outro. Ele não tá sozinho ali. Se ele faz isso ele já aprendeu o que é música”. (Edu B, comunicação pessoal, 5 de outubro de 2019.) O educando compreende que o educador está tocando com ele. A escuta apreendida coloca ambos em uma vivência integrada - o educador se expressa na construção de espaços e condições de aprendizagem diretamente associadas ao vivenciar do improviso. Isto se constrói, inicialmente, a partir dos relatos de suas vivências enquanto moradores de territórios de desigualdades sociais e plena vulnerabilidade, havendo reconhecimento mútuo nesta relação.

Uma coisa que eu acho muito importante assim e que eu vejo com as pessoas com quem eu trabalho atualmente é que todas as pessoas que tiveram trabalho anterior ou que tiveram uma vivência já anterior à comunidade ou que saíram da comunidade ou que antes de dar aula já participaram de projetos dentro da comunidade têm uma outra forma de dar aula. Tem uma sensibilidade um pouco mais aguçada pra entender as demandas dos alunos, pra entender as necessidades, pra ver que se um aluno tá ali hoje cabisbaixo não foi porque ele não tá gostando da aula. (Edu B, comunicação pessoal, 9 de agosto de 2019).

Essa percepção do educador sobre o mundo é um norteador para a educação formal e não formal. É uma leitura imprescindível para o viver coletivo. Entretanto, o que os educadores relatam é que vivenciar os afetos da exclusão, do território, dos sentidos e das memórias os colocam em condições de presentificar o mundo

e acolher respostas de educandos de forma mais ampla. É fato que esta absorção do mundo não se restringe à vivência. Ela pode ser adquirida no reconhecimento do outro em sua plenitude, em experiências e em relatos, no sentimento de empatia, na construção científica e em outras formas de saber. Gohn (2010, p. 36) complementa tais possibilidades ao dizer que "a música tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal, e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não formal".

Os adolescentes em situação de vulnerabilidade, na sua busca por novas representações do mundo e pela saída dessa condição de precariedade, encontram na música e na relação informal de educação um porto seguro e não invasivo para pensar o cotidiano - a vivência e a arte podem promover potencialidade e pertencimento ao saber. E essa apropriação da arte se apresenta como conhecimento vivencial convidativo para o adolescente: o próprio corpo.

e a gente como músico sabe que todas as pessoas, elas têm uma rítmica, elas vão conseguir tocar, mas a partir do momento que elas identifiquem aonde isso tá. Eu acredito né, pelo que eu trabalho, é que a primeira vivência que qualquer aluno tem que ter, que qualquer pessoa tem que ter, é com o próprio corpo, pra qualquer coisa que ela vá executar (Edu B, comunicação pessoal, 9 de agosto de 2019)

O corpo do adolescente ressoa música e pede passagem para ser expressão da vida, da morte e da arte. Adolescentes sentem e falam com os instrumentos, e o educador relata a importância dessa objetivação, pois vivenciou de alguma forma esta relação corporal. Dos 4 (quatro) entrevistados, todos eram autodidatas

musicalmente, e nos laços familiares teciam alguma forma de afeto com a música, seja em um aprendizado na cozinha entre os entes queridos, seja em um aprendizado com os irmãos envolvidos com a arte, seja em uma instrução sobre a cultura religiosa dos pais. A música, de maneira geral, para eles, sempre soou como uma forma de expressar os melhores e os piores sentimentos:

eu aprendi que através da percussão eu colocava todas as minhas emoções. Meu pai sempre foi um cara que nunca deu apoio de nada, nunca me deu nada, foi só ter que trabalhar. Na nossa época não tinha tanta droga igual tem hoje né, então assim, não me envolvi com nada, mas aprendi que ali, meu pai só me batia. E eu rebentava o surdo porque eu batia no surdo pensando que o surdo era meu pai. Repenique, os melhores tocavam repenique. Só os melhores tocavam repenique, era muito raro. Eu queria tá lá. Então você transmite emoção de alegria, frustração de não aprender, raiva, todas as emoções que a gente tem se transmite com instrumento. (Edu S, comunicação pessoal, 15 de dezembro de 2018)

Freire (2005) reflete sobre o ensino sem afetos: "está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador" (FREIRE, 2005, p. 40). O educar é um protesto afetivo que se instaura no corpo, na mente e na unidade vivencial. Expressar os afetos pela arte e pelo corpo é promover uma integralidade do que é humano; e retomar esta integralidade ao colocar nossos afetos em uma posição de centralidade do saber é imprescindível. Um dos educadores assim pondera: "(...) porque a gente tem feito um trabalho que não é só musical, mas a gente deixa

a música como uma ferramenta. Que eu acho que é importantíssimo e que a música tem isso embutida a ela né, já é dela essa questão de sensibilizar, essa questão de trabalhar várias coisas” (Edu. B., comunicação pessoal, 5 de outubro de 2019). O aprender está nas trocas afetivas e na expressão deste saber.

O monismo de Espinosa (1989), fonte de estudos do afeto por Vygotsky (1999), expressa a unicidade do homem entre as emoções e o intelecto. “Tudo aquilo por que nos esforçamos pela razão não é outra coisa que conhecer; e a alma, na medida em que usa da Razão, não julga que nenhuma outra coisa lhe seja útil, senão aquela que conduz ao conhecimento. (ESPINOSA, 1989, prop. XXVI Ética IV). A razão e a alma são intrínsecas ao conhecimento. Assim, podemos pensar que não exista produção de saber sem os afetos que nos conduzem.

Dentro do Arte da Saúde eu aprendi uma coisa com uma das coordenadoras que passou pelo Arte da Saúde; eu lembro de uma vez que eu tava muito mal e, essas depressões assim, e eu ia cancelar a oficina e tal e ela perguntou “por que você tá querendo cancelar a oficina?” e eu falei “porque eu tô meio triste, não tô legal e tal”. Ela falou “tudo bem, você tem todo direito de cancelar a oficina, fique à vontade pra fazer isso. Agora, você tem todo direito de manter a oficina e os meninos entenderem que você está triste e que hoje você vai dar uma oficina triste, porque você é humano. Você não precisa tá alegre pra dar a oficina”. E eu lembro que nesse dia eu fui dar a oficina, o motivo da minha tristeza era o falecimento da minha avó, eu tava com a turma mais pesada que eu tinha pego no programa. Eram uns meninos super agitados assim, de quebrar tudo. E eu cheguei nesse dia, sentei eles em roda, contei pra eles que eu estava com muito sono, que eu tinha passado a noite no velório, naquela época se passava a noite no velório, e tava muito triste e que eu queria que

eles pegassem leve comigo, que eles fossem generosos comigo, usei a palavra generosidade, que eles fossem generosos comigo porque eu tava muito triste. E nossa, foi a oficina mais técnica que eu tinha dado pra eles na vida (Edu M, comunicação pessoal, 2 de fevereiro de 2019).

A expressão da vivência por parte do educador possibilita ao educando compreender e ressignificar contextos e atitudes. A expressão contextualizada reposiciona todos os elos da educação e promove uma nova vivência. A manifestação negada, por sua vez, promove repetições, falta de movimentos e limitações. Ser afetado e afetar o mundo é mover os sentimentos. É dar possibilidade às emoções, que, etimologicamente, remetem ao mover, e, no movimento do corpo, da música, do intelecto e do diálogo se instaura a vivência.

#### 4 CONCLUSÕES

O educador social musicista usa da (sua) vivência para promover vivências: de Perejivânie em Perejivânie este profissional expõe sua realidade, transforma e transverte o seu mundo e o mundo do educador - dialética do saber composta na historicidade. O conceito de Perejivânie é uma unidade da condição humana que expõe historicidade plena de afetos nos acontecimentos do mundo. É uma constante possibilidade de recriar, pois em sua essência situa-se o encontro com o outro, o diálogo, a transformação.

Este artigo apresentou trechos de leituras sobre a educação por meio dos relatos de 4 (quatro) profissionais musicistas que coadunam a vivência com uma ação primordial para a



construção do ensino: relatos de vivências afetivas, históricas, conscientes do mundo e refratárias do mesmo. Consoma-se destas leituras que a educação informal deve estar presente em toda forma de educação, pois a imprevisibilidade possibilita a construção sem amarras do saber. Na imprevisibilidade está a essência humana de recriar e refletir o mundo, e nesta percepção também está a nossa motriz da educação.

O estudo que se produziu teve como base diálogos reflexivos acerca da percepção dos educadores sociais musicistas sobre o seu fazer e vivências. Breve expressão da história de quem faz da música muito mais do que uma conjunção de sons - uma composição interventiva de sua história, uma reflexão gerida por letras e ritmos de vários estilos musicais, para mediar o mundo daqueles supostamente vulneráveis - também foi apresentada e mais uma vez admirada.

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. E. B.; TEIXEIRA, D. V.; ARAGÃO, E. M. A. Cartografando estratégias de resistência construídas por educadores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, p. 23-40, 2008.

BRASIL. Câmara dos Deputados. PL 5346/2009. Dispõe sobre a criação da profissão de educador(a) social. Brasília, DF: 2009. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=A66B49B1F95D26AEEB5F13948854361C.node1?>](http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A66B49B1F95D26AEEB5F13948854361C.node1?>). Acesso em: 22 nov. 2018.

CBO 5153-05. Educador Social. Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego, 2015. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/515305-educador-social>. Acesso em: 22 nov. 2018.

DELARI JR., Achilles; BOBROVA PASSOS, Iulia. V. (2009) Alguns sentidos da palavra “perejivánie”. In: VIGÓTSKI, L.S.: **notas para estudo futuro junto à psicologia russa**. Mimeo. Umuarama/Ivanovo. 40 p. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2018000400363](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2018000400363) . Acessado em: 20 out. 2020.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 40.

\_\_\_\_\_. **Virtudes do educador**. São Paulo: Vereda, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

PICHÓN-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROBERTI, Daniel Luiz Poio. Um olhar sobre a “vivência” através do seu autor: conceitos e traduções na obra de Vigotski. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 1, p. 16-19, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5588> . Acesso em: 22 de maio de 2020.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicol. USP**. São Paulo, vol.21, n.4, 2010. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642010000400007&script](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642010000400007&script). Acesso em: 22 de maio de 2020.

SOUZA, Cleia Renata Teixeira de; PAIVA, Jacyara; NATALI, Paula Marçal; BAULI, Regis Alan; MÜLLER, Verônica Regina. A atuação profissional e a formação do educador social no Brasil: uma roda da conversa. **Interfaces Científicas**, Educação, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 77-88, Out. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/276634301.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2020

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

---

**Jesus Alexandre Tavares Monteiro**

Doutor em Psicologia , com estudo sobre músicas brasileira, trabalho e psicologia socio-historica, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017-2020); mestre em Psicologia, com pesquisa sobre educação social e População em situação de rua, na mesma universidade (2009-2011) e graduado como Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2002), com ênfase em educação. Atualmente, exerço o cargo de docente no Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino - Área de pesquisa: Formação de professores e ação docente da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR).

---

**Danielle Teixeira Tavares Monteiro**

Assistente Social de formação, escritora, colagista, psicanalista, mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em doutoramento sanduíche pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atualmente é pós-graduanda em Gestos de Escrita como Práticas de Risco, pela A Casa Tombada - São Paulo. É pesquisadora no grupo de pesquisa Psicologia, Trabalho e Processos Psicossociais (PUC Minas - CNPQ), Analista Legislativo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG)

---